SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira[1]
Franciele Lorenzi[2]
Giseli Monteiro Gagliotto[3]

RESUMO

O presente artigo é resultado das pesquisas de Mestrado em Educação, do programa de pós - graduação stricto senso, da UNIOESTE – campus de Francisco Beltrão. O objetivo deste trabalho é discutir teoricamente, a história da sexualidade infantil no intuito de levantar as contradições, as limitações e as possibilidades em relação ao desenvolvimento psicossexual e como as discussões se configuram nos espaços escolares. Partimos de uma revisão bibliográfica dos estudos de FREUD (1996; 1997; 2002) e da teoria psicanalítica clássica. Pautadas em pesquisas no Campo das Ciências Humanas, procuramos superar a visão biologista da sexualidade e apontamos as dimensões política, econômica e cultural para uma Educação Sexual emancipatória.

Palavras-chave: Sexualidade; Psicanálise; desenvolvimento psicossexual; educação escolar.

INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços em relação à sexualidade, falar sobre a temática como algo inerente à criança está longe de se tornar realidade. Enfrentamos muitos mitos e tabus. No final do século XIX, Freud, através da Psicanálise, revolucionou a compreensão acerca da sexualidade infantil, ao defender que a sexualidade acompanha o sujeito desde o nascimento até a morte.

[1] Mestranda em Educação. UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: jakefieira@hotmail.com
[2] Mestranda em Educação. UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: fran.lorenzi30@gmail.com
[3] Docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão. Doutora em Educação. Líder do Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade (LABGEDUS). E-mail: giseligagliotto@ig.com.br

Nesse sentido, a partir do conhecimento psicanalítico e do desenvolvimento psicossexual infantil, procuramos superar a visão puramente biologista da sexualidade e apontamos também, as suas dimensões sociais e psicológicas. Apontamos a escola como um espaço para promover a igualdade e a valorização das singularidades de todas as pessoas que a constituem.

O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL EM FREUD[4]

> "Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual" (FREUD, 1996, p. 163).

Pelo fato do sexo, no decorrer da história ocidental, ser visto e tratado como algo 'feio', 'sujo', e até 'pecaminoso', observamos, claramente, a herança destes conceitos nos dias atuais. Discutir sobre sexualidade é um tabu e, este fator sofre um agravante quando as questões estão em torno do desenvolvimento da sexualidade na criança.

Para tanto, primeiramente, ressaltamos as diferenças entre sexo e sexualidade. Estes conceitos não podem ser compreendidos e tratados como sinônimos; portanto, é um erro reduzir a sexualidade ao sexo, ou seja; tratá-la, puramente, como aspecto biológico, pertencente à hereditariedade humana ou pelo ato sexual em si.

> A ideia de homem fragmentado ainda predomina e é a partir dela que, muitas vezes, entendemos a sexualidade humana como restrita aos nossos genitais, ocupando uma pequena parcela do corpo biológico, desvinculada das emoções e descontextualizada das relações sociais (FAUST, GAGLIOTTO e SANTOS, 2012, p. 03).

O sexo é a nossa marca biológica, hereditária, é a condição orgânica que nos define e nos diferencia enquanto "machos" e "fêmeas", seja, em seres

[4] Este item contém os resultados da Dissertação intitulada: O desenvolvimento psicossexual na criança com autismo no espaço educativo: um estudo empírico bibliográfico a luz da psicanálise. A Defesa será realizada no dia 18 de abril de 2017. Mestranda em Educação: Jaqueline Tubin Fieira.

humanos, plantas ou animais. Além disso, é comum usarmos a palavra para nos referirmos: aos órgãos sexuais/genitais, ao ato sexual ao conjunto de pessoas que pertencem ao mesmo sexo (FREITAS, CARVALHO e FÁVERO, 2013).

Já a definição de sexualidade é mais complexa e desafiadora. Destacamos o conceito da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002, p. 03) acerca da sexualidade: "uma dimensão biológica, psicológica, social, econômica, política, cultural, ética, legal, histórica, religiosa e espiritual". A sexualidade é a nossa marca humana, que nos acompanha por toda a vida e que envolve o sexo, a identidade, os papéis de gênero, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução. A sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Se a sexualidade pode incluir todas essas dimensões, nem todas elas são experienciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (Organização Mundial da Saúde - OMS, 2002).

Nesta perspectiva, trazemos a contribuição de Nunes e Silva (1997), ao apontarem que a sexualidade, trata de uma das dimensões fundamentais da existência humana, que envolve o relacionamento humano de forma profunda, incluindo, o desejo, o prazer e a afetividade. "A sexualidade configura-se como uma dimensão ontológica essencialmente humana" (p. 23). Portanto, a sexualidade humana não está sujeita ao determinismo animal, restrita às leis dos instintos e da biologia, já que contém a consciência, a intencionalidade, a experiência do sujeito humano, sendo esta "uma dimensão dinâmica, dialética e processual" (p. 23).

A sexualidade é uma energia, uma força vital, um impulso que pode encontrar várias formas de expressão. Ela está presente desde antes do nascimento, na formação dos órgãos genitais, e está em todas as experiências emocionais e construções afetivas do ser humano. A sexualidade se apresenta de diferentes formas, transformando-se ao longo dos anos (ARCARI, 2013, in FREITAS, CARVALHO E FÁVERO, 2013).

Com tais definições em pauta, sublinhamos que a sexualidade engloba tanto a dimensão biológica, que é "da natureza", como também é o resultado de "uma

invenção social", uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes e produzem "verdades" (LOURO, 2001, in FREITAS, CARVALHO E FÁVERO, 2013). A sexualidade é uma energia que influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

Após a diferenciação entre os conceitos de sexo e de sexualidade, retornamos a um dos pilares da teoria Freudiana, de tamanha importância quanto a descoberta do inconsciente. Referimo-nos, à descoberta de Freud, publicada no texto: 'Três ensaios sobre Teoria da sexualidade' em 1905, acerca do desenvolvimento da sexualidade infantil. Freud (1905/1996, p. 163) escreveu que "nenhum autor, ao que eu saiba, reconheceu (...) a pulsão sexual na infância, nos escritos já numerosos sobre o desenvolvimento infantil, o capítulo sobre 'Desenvolvimento sexual' costuma ser omitido".

De acordo com Zorning (2008), Freud revolucionou a compreensão acerca da sexualidade infantil, ao ampliar, radicalmente, o conceito de sexualidade tradicional, de concepção naturalista, no final do século XIX. O autor propôs uma concepção de sexualidade mais ampla, que tem início com a construção do psiquismo e acompanha o ser humano até o fim da vida. Na época, era considerado anormal e até perverso, por exemplo, práticas como, a impossibilidade do ato sexual - no caso de impotência, a busca pelo prazer sexual e a masturbação infantil.

Freud, ao questionar a concepção clássica da sexualidade humana quanto instinto, se afastou da moral repressora difundida na época, de que a sexualidade se iniciava na puberdade e para os fins de reprodução. Assim, defendeu a compreensão de sexualidade humana não instintiva, por meio da qual, o ser humano é capaz de buscar e sentir prazer, por diferentes esferas (ZORNING, 2008).

Bidaud (2013) aborda que, com a publicação, de 1905, acerca do desenvolvimento psicossexual, a psicanálise escandalizou a sociedade da época, por "ter sexualizado a criança e infantilizado a sexualidade do adulto" (p. 320). Freud marcou a história, ao revelar que o desenvolvimento da sexualidade inicia na

infância com o autoerotismo[5], portanto, nas primeiras fases do desenvolvimento da sexualidade, que antecedem a puberdade, o prazer é encontrado no próprio corpo.

> No chuchar ou sugar com deleite já podemos observar (...) características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo autoerótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena. Antecipemos que essas características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis (FREUD, 1996, p. 111 - 112).

Destacamos que o autoerotismo, não é uma etapa primeira, que se origina de forma espontânea. Assim como o narcisismo[6], o autoerotismo surge da necessidade da relação com o outro, neste caso, da criança com o adulto, ou seja; a alteridade é essencial no início da vida, para o desenvolvimento da criança. Portanto, o desenvolvimento da sexualidade infantil, ocorre de forma interdependente, com o adulto, que cumpre a função do outro primordial (BIDAUD, 2013).

Freud (1996) apropriou-se do termo autoerotismo, inicialmente descrito por Havelock Ellis[7] (1859-1939), para explicar os fenômenos como, a busca pelo seio materno pela criança já saciada. Neste caso, a criança procura a repetição de um prazer já vivenciado, um prazer já experimentado, que busca repetir. A zona erógena, no início da vida é a boca, e é por meio dela, que a criança busca a sobrevivência e tem suas primeiras experiências de prazer, portanto, a origem da sensação prazerosa. “A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas” (FREUD, 1996, p. 111).

Zorning (2008) lembra que Freud utiliza o termo ‘apoia’ para demonstrar que, o desenvolvimento da sexualidade infantil, apoia-se na função de conservação da vida, mas que, separa-se desta função, para buscar a sensação de prazer, isto é; a

[5] Característica de um comportamento sexual infantil precoce pela qual uma pulsão parcial, ligada ao funcionamento de um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontra a sua satisfação no local, isto é: 1) sem recorrer a um objeto exterior; 2) sem referência a uma imagem do corpo unificada, a um primeiro esboço do ego, tal como ele caracteriza o narcisismo (LAPLANCHE E PONTALIS, 2008, p. 47).

[6] Por referência ao mito de Narciso, é o amor de si mesmo (LAPLANCHE E PONTALIS, 2008, p. 287) Apresentaremos, com mais detalhes, este conceito no próximo item desta pesquisa.

[7] Médico e psicólogo britânico, que estudou a sexualidade humana. Descreveu o termo autoerotismo como os fenômenos de emoção espontânea produzidos na ausência de qualquer estímulo externo, quer direto, quer indireto (LAPLANCHE E PONTALIS, 2008, p. 47).

satisfação que vai além do comportamento puramente instintivo. Assim, o bebê não procura o leite materno apenas para a satisfação orgânica, mas, deseja uma relação afetiva com a mãe, "que não se reduz à satisfação alimentar, apesar de se apoiar nela" (p. 02).

Nesta senda, Gagliotto (2014) destaca que, a atividade de mamar do bebê, é entendida como o conceito fundante da sexualidade para Freud; assim, a gênese da sexualidade humana. A sucção é reconhecida como um reflexo biológico e herdado, portanto, além do prazer da satisfação, essa atividade provoca um prazer paralelo, desencadeado pelo contato da boca do bebê com o seio materno. Portanto, a boca é a primeira zona erógena, no desenvolvimento da sexualidade humana.

> A propriedade erógena pode ligar-se de maneira mais marcante a certas partes do corpo. Existem zonas erógenas predestinadas, como mostra o exemplo do chuchar. Mas esse exemplo ensina também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso. Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa (FREUD, 1996, p. 112).

O autor formula com estas descobertas, as fases do desenvolvimento psicossexual, em que a criança descobre diferentes zonas erógenas no seu corpo. Nomeou as fases do desenvolvimento da sexualidade infantil como fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e fase genital. Todavia, essas etapas do desenvolvimento psicossexual, não podem ser compreendidas, exclusivamente, como ligadas às zonas erógenas, mas também como "inscrições que se fazem no psiquismo a partir das relações estabelecidas entre a criança e os adultos que ocupam a função de pais" (ZORNIG, 2008, p. 03).

Gagliotto (2008), em consonância com as etapas do desenvolvimento psicossexual, desenvolvidas por Freud, relata que a fase oral (0 a 1 ano) é a etapa do desenvolvimento infantil, no qual o prazer e a satisfação se encontram na boca, portanto, a boca representa o canal de comunicação entre a criança e o mundo.

Costa e Oliveira (2011) enfatizam que ao nascer, o bebê apresenta a boca e os lábios como zonas erógenas mais desenvolvidas. Estes órgãos são, portanto, os responsáveis pelas primeiras experiências de prazer. Logo, no início da vida, a sensação de satisfação e o instinto de sobrevivência estão relacionados.

O desenvolvimento da sexualidade é desvinculado do instinto, quando o bebê procura partes do próprio corpo para sugar, como os dedos, por exemplo. Com o passar dos meses, o bebê deixa de sugar apenas o seio materno, e busca partes, em seu corpo, que possam ser sugadas, portanto, o início da autoerotização na criança. Assim, a satisfação deixa de ser exclusivamente alimentar; a sexualidade é desviada do instinto e a criança experimenta a sensação de independência do mundo externo (IBIDEM).

O bebê é um ser sexuado e para que o desenvolvimento do seu autoconhecimento seja adequado, mesmo iniciando de forma espontânea, necessita das relações com o meio no qual está inserido, para minimizar suas questões angustiantes. Assim, a sexualidade começa a ser desenvolvida durante as primeiras relações afetivas do bebê. Portanto, as relações entre o bebê e quem ocupa a função dos pais, são a base para o desenvolvimento da sexualidade humana e do desejo em aprender (COSTA E OLIVEIRA, 2011).

A segunda fase do desenvolvimento psicossexual, descrita por Freud, como fase anal, ocorre aproximadamente entre 1 a 3 anos de idade. Gagliotto (2014) menciona que essa etapa tem início quando a criança experimenta sensações corporais, por meio, do controle das fezes e da urina. Quando a criança consegue ter controle dos esfíncteres, nota que é aceita pela sociedade e, consequentemente, começa o processo de internalização das normas sociais.

A fase anal, assim nomeada, pelo fato de que no segundo e terceiro ano de vida, a região do ânus passa a ter grande importância na formação da personalidade, pois a energia libidinosa da criança está concentrada na região posterior do trato digestivo. O prazer das funções, da parte terminal do intestino, é comparadoao prazer obtido, na entrada do tubo digestivo, quando a criança estava na fase oral (COSTA E OLIVEIRA, 2011).

> Tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a medir um apoio da sexualidade em outras funções corporais. É de se presumir que a importância erógena dessa parte do corpo seja originalmente muito grande. Inteiramo-nos pela psicanálise, não sem certo assombro, das transmutações por que normalmente passam as excitações sexuais dela provenientes e da frequência com que essa zona conserva durante toda a vida uma parcela considerável de excitabilidade genital (FREUD, 1905/1996, p. 113).

D'Andrea (2001) lembra que na fase anal, as características orais não deixam de existir, apenas cedem lugar para outras atividades, das quais, a criança passará, gradativamente, de uma posição passiva e receptiva, para uma posição ativa. Nesta fase, sua habilidade muscular aumenta juntamente com o seu interesse pelo mundo exterior, assim, tem início a etapa das curiosidades e das exigências verbais. A criança desenvolve a capacidade de julgamento acercada realidade e de antecipar situações, fatores que possibilitam maior tolerância à tensão.

O interesse pelas funções excretoras é destacado na criança na fase anal, ao assimilar que, as evacuações muito frequentes, causam nos pais, preocupações e cuidados redobrados. Há, portanto, duas etapas: a retensiva e a expulsiva. Na primeira etapa, a criança pode (inconscientemente) considerar as fezes como objeto interno, que será destruído, caso eliminado. Com as relações objetais, a excreção assume a característica de prazer com a agressividade, portanto, sádica. Já na etapa retentiva, o prazer principal está na retenção das fezes, assim, o prazer é maior com o alívio pós-retenção; determinando uma estimulação intensamente prazerosa da mucosa retal. Por outro lado, pela falta da valorização dos adultos, em relação à evacuação, a criança pode, ainda, fantasiar que as fezes são materiais preciosos, que precisam ser guardados. Surgenovamente o aspecto sádico, em vez de, "oferecer suas fezes de presente", poderá retê-las como um gesto hostil aos pais (D' ANDREA, 2001).

> O conteúdo intestinal (...) é tratado como parte do seu próprio corpo, representando o primeiro "presente": ao desfazer-se dele, a criaturinha pode exprimir sua docilidade perante o meio que a cerca, e ao recusá-lo, sua obstinação (FREUD, 1905/1996, p. 114).

Segundo D'Andrea (2001) há características peculiares, na criança nesta fase, que precisam ser mencionadas, como ofenômeno da angústia[8] e a relação objetal[9]. A criança estabelece, com o meio, a posição de doador e obtém relações

[8] Termo (*Realangst*) utilizado por Freud n quadro da sua segunda teoria na angústia: angústia perante um perigo exterior que constitui para sujeito uma ameaça real (LAPLANCHE e PONTALIS, 2008, p. 26).

[9] Expressão usada com muita frequência na psicanálise contemporânea para designar o modo de relação do sujeito com seu mundo, relação que é o resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasística dos objetos e de certos tipos privilegiados de

interpessoais mais objetivas. Nesta fase, a criança nota que existem maneiras de conservar o amor dos pais e evitar punições, basta corresponder às exigências culturais impostas. Neste meandro, a angústia vem à tona, em virtude da antecipação, da criança,com a desaprovação externa. Quando há exigências, além da tolerância da criança, ela terá dificuldade para antecipar respostas, experimentando um estado de ansiedade e ameaça permanente.

Notamos que a fase anal é a precursora do superego, na qual, as proibições dos pais são internalizadas gradativamente, e as proibições são acompanhadas, na criança, pelo medo de perder o amor dos pais. A criança, antes de realizar um ato proibido, por exemplo, olha para a figura de autoridade, para certificar-se sobre o consentimento para a realização da ação. Nesta fase, a criança apresenta impulsos contraditórios (amor/ódio) às pessoas significativas de seu mundo, com as quais estabelece suas relações objetais (D' ANDREA, 2001).

A terceira etapa do desenvolvimento psicossexual, que ocorre, aproximadamente, entre 3 e 6 anos de idade, é nomeada de fase fálica. Gagliotto (2014) relata que, nesta fase, a criança descobre os órgãos sexuais e, consequentemente, demonstra curiosidades pelas diferenças sexuais. Com a descoberta dos órgãos sexuais, a criança começa a manipulá-los, e pela sensação de prazer gerada com o toque, é comum, a criança repetir essa atividade.

Costa e Oliveira (2011) lembram que, na fase fálica, a energia libidinosa encontra-se nos órgãos genitais, por isso, a tendências nas crianças, dessa idade, pela manipulação infantil.

> Nas crianças tanto do sexo masculino quanto feminino, está ligada à micção (glande, clitóris) e, nas primeiras, acha-se dentro de uma bolsa de mucosa, de modo que não pode faltar-lhe a estimulação por secreções que aticem precocemente a excitação sexual. As atividades sexuais dessa zona erógena, que faz parte dos órgãos sexuais propriamente ditos, são sem dúvida o começo da futura vida sexual "normal" (FREUD, 1905/1996, p. 176).

defesa. Fala-se das relações de objeto de um dado sujeito, mas também de tipos relações de objeto, ou em referência a momentos evolutivos (exemplo: relação de objeto oral), ou à psicopatologia (exemplo: relação de objeto melancólica) (LAPLANCHE e PONTALIS, 2008, p. 443).

Freud (1905/1996) ensina a respeito de características corporais, específicas desta fase, que, inevitavelmente, serão notadas, na criança, como sensações prazerosas. Alguns exemplos são secreções as quais, os órgãos genitais, estão banhados, sua posição anatômica, a lavagem, que é necessária, por questões de higiene e cuidados com o corpo, e até os atritos acidentais dessa zona erógena.

Na fase fálica, como as sensações prazerosas estão nos órgãos genitais, essa parte do corpo ganha destaque e, consequentemente, as diferenças entre os sexos começam a ser notadas pelas crianças. A descoberta, das diferenças entre os sexos, causa na criança uma série de descobertas posteriores, que influenciarão seu psíquico e a vivencia da sua sexualidade, na fase adulta.

Ao notar a existência de dois sexos (mulher e homem), inicialmente, a criança encara a situação sem nenhum desconforto. Mas, gradativamente, tornam-se comuns os questionamentos dos meninos, acerca da 'falta' do pênis nas meninas. Posteriormente, desconfia que o pênis possa ser perdido, o que gera medo e angústia no menino. Já nas meninas, ao observar que, anatomicamente, os meninos possuem um órgão que lhes falta, elas podem desenvolver o sentimento de inveja ciumenta do pênis e inclusive sentimentos de inferioridade (COSTA E OLIVEIRA, 2011). A psicanálise nomeia estas atividades, tanto no menino, como na menina, de complexo de castração.

Násio (1997), ao detalhar o complexo de castração, expõe os caminhos diferentes que essa atividade assume no menino e na menina. No menino, o complexo de castração é dividido em cinco tempos. No primeiro tempo, o menino supõe que todo mundo tem um pênis e carrega a crença de que não há diferenças anatômicas entre os órgãos sexuais. No segundo tempo, com a descoberta do corpo e do prazer oriundos da manipulação do pênis, o menino começa a mexer no seu órgão sexual e, consequentemente, sofrem ameaças, que visam proibir a criança de suas práticas autoeróticas. No terceiro tempo, o menino nota que há pessoas que não têm um pênis, como a irmãzinha ou as amiguinhas, e desenvolve a angústia de também, um dia, ficar sem tal órgão. Portanto, associa as ameaças do tempo anterior, com a possibilidade de perder o pênis. No quarto tempo, o menino que ainda acreditava que as mulheres mais velhas e respeitáveis, como a mãe possuíam pênis, descobre que elas também são desprovidas dele. E

finalmente, no tempo final, o menino, para salvar o pênis, renúncia à mãe como parceira e reconhece a lei paterna.

Na menina, conforme apontado por Násio (1997) o complexo de castração, ocorre de forma diferente, dividindo-se em quatro tempos. No primeiro tempo, a menina ignora as diferenças anatômicas entre os órgãos sexuais. No segundo tempo, a menina ao observar anatomicamente, que os meninos possuem um órgão maior e mais visível que o dela, supõe imediatamente, que lhe falta algo, daí torna-se vítima da inveja do pênis. No terceiro tempo, a menina descobre que a mãe também não tem um pênis, e então despreza a mãe, por ter herdado seus atributos físicos. Essa descoberta leva a menina a separar-se da mãe e desenvolver um apego maior pelo pai. E no tempo final, há o início, propriamente dito, do complexo de Édipo (tema que discutiremos no próximo tópico) quando a menina escolhe o pai como objeto de amor.

No menino, o complexo de castração e o complexo de Édipo iniciam e encerram ao mesmo tempo. Já na menina, embora o complexo de Édipo inicie com o complexo de castração, não encerra com ele, pelo contrário, o término deste abre caminho para o início daquele. É o término do complexo de castração que marca a escolha do pai como objeto de amor, pela menina.

Cabe, neste momento, fazer uma ressalva que, na psicanálise, a primazia do Falo não significa a primazia do pênis. Muito embora Freud tenha utilizado, raramente, o termo Falo e esboçado a diferença entre pênis e Falo, coube à Lacan, detalhar essa distinção e elevar o vocábulo 'Falo' para além do órgão genital masculino, como exposto por Násio (1997, p. 33):

> Quando Freud insiste no caráter exclusivamente masculino na libido, não é de libido peniana que se trata, mas de libido fálica. O elemento organizador da sexualidade humana não é, portanto, o órgão genital masculino, mas a representação construída com base nessa parte anatômica do corpo do homem. A prevalência do Falo significa que a evolução sexual infantil e adulta ordena-se conforme esse pênis imaginário – chamado Falo – esteja presente ou ausente no mundo dos seres humanos.

Nesta fase, Freud (1924/2011) ensina que, os órgãos genitais, assumem o papel condutor do desenvolvimento sexual da criança. Entretanto, como o genital feminino ainda não foi descoberto, o genital condutor é o masculino. Násio (1997)

esclarece que o objeto central não é órgão anatômico peniano, mas a representação deste. O que está em jogo é a representação psíquica, daquilo que é percebido, pela criança, como atributo possuído por alguns e ausente em outros.

Vimos que, na fase fálica, a libido se encontra nos órgãos sexuais. Gagliotto (2014) aponta que nesta fase, as crianças desenvolvem, com mais frequência, a iniciativa e o gosto pelos jogos de cunhos sexuais, como brincar de papai e mamãe, brincadeiras de casinha, de médico, etc. Nesta fase, há também, o desenvolvimento do complexo de Édipo, tema central para a psicanálise, que será discutido no próximo tópico.

A partir dos três anos, portanto, quando os esfíncteres já estão controlados, a criança percebe, com mais clareza, o mundo que a rodeia. Desenvolve o interesse pelo ambiente e começa indagar sobre o significado e as causas dos fatos; tais atitudes aumentam o interesse pelo próprio corpo, principalmente, pelos órgãos genitais. Há também, um desejo, mais intenso, pelo contato com o outro do sexo oposto (D'ANDREA, 2001).

A próxima etapa do desenvolvimento psicossexual, conforme apontada por Freud (1923/2011) é a fase de latência. Esta fase, que é a substitutiva do apogeu atingido na fase fálica, tem a função de brandar a energia sexual na criança. No período de latência, há a interrupção do desenvolvimento da libido, que se desloca dos seus objetivos sexuais para objetivos socialmente aceitos, como a arte ou os esportes, por exemplo.

Após os seis anos de idade até os dez, aproximadamente, o desabrochar vivaz da sexualidade é tomado pelas repressões; e a quarta fase está instaurada. Na fase da latência, que dura até a puberdade, as formações reativas[10] são assimiladas, por meio, da moral, da vergonha e do nojo (FREUD, 1923/2011).

Costa e Oliveira (2011) lembram que, nesta fase, a educação pode representar um meio, para a criança desviar sua energia sexual. Visto que, neste período, a energia sexual não é cessada, ela apenas encontra outro caminho, ou seja, é desviada para atividades aceitas socialmente. "Estudos afirmam que o

[10] Atitude ou hábito psicológico de sentindo oposto a um desejo recalcado e constituído em reação contra ele (o pudor opondo-se a tendências exibicionistas, por exemplo). A formação reativa é um contra investimento de um elemento consciente, de força igual e de direção oposta ao investimento inconsciente (LAPLANCHE E PONTALIS, 2008, p. 200).

desvio das forças pulsionais sexuais, denominado de sublimação[11], torna-se componente para as realizações culturais" (p. 13).

Dolto (1996) corrobora que a criança se desenvolve de forma harmônica, após a renúncia do amor incestuoso. A autora insiste que as respostas às perguntas infantis, também devem ser harmônicas e verdadeiras, visto que, demostram a curiosidade sadia e o desejo em aprender da criança. Para tanto, pais e professores, precisam respeitar e estimular as imaginações, a vida lúdica e as afinidades afetivas de cada criança.

Finalmente, a quinta etapa do desenvolvimento sexual é a fase genital, que ocorre a partir dos 10 anos de idade. Freud (1925/2011) relata que "na vida sexual da puberdade há uma luta entre os impulsos dos primeiros anos e as inibições do período de latência" (p. 98), portanto, nesta etapa, são reavivados os impulsos e investimentos objetais, das fases anteriores.

> Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal e definitiva. Até este momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independendo uma das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado na zona genital (FREUD, 1905/1996, p. 127).

A puberdade completa o quadro da sexualidade infantil. Na última fase, portanto, do desenvolvimento da sexualidade infantil, as inspirações sexuais voltam-se para uma única pessoa, com a qual, tem a intenção de realizar seus objetivos sexuais. A partir da fase genital, a sexualidade não é mais encontrada, apenas, no próprio corpo, e a escolha do objeto sexual, requer o abandono das pulsões sexuais parciais infantis. Na puberdade, há a primazia na genitália, portanto, a única fase em que a organização sexual, volta-se para as intenções de reprodução (FREUD, 1905/1996).

[11] Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e que visa objetos socialmente valorizados (LAPLANCHE E PONTALIS, 2008, p. 494).

Nesta senda, Dolto (1996) aborda que, com a chegada da puberdade, há o surgimento “dos obstáculos ao desejo que não foram retirados pela proibição do incesto” (p. 266). Complementamos que as angústias infantis, oriunda, de questões não desmanteladas na fase fálica, que ficaram canalizadas durante o período de latência, ressurgem na puberdade. Novamente, a participação dos pais é fundamental, para conduzir o adolescente, desta etapa, a liberar os desejos por todos os objetos familiares, que por ventura, persistem.

Freud insiste que a sexualidade infantil é própria da vida humana, e vai além, ao configurar, como as regras sociais reprimem toda a atividade sexual infantil. “Freud passa a incomodar não só pais e educadores, mas toda uma comunidade científica que se encontrava, até então, muito confortável e protegida por seus tabus” (GAGLIOTTO, 2014, p. 112). O autor gerou antipatia social, ao estudar que o desenvolvimento da sexualidade é longo, e tem início com a constituição psíquica do sujeito.

Portanto, destacamos que Freud cunhou dois grandes golpes para o pensamento científico da época: o primeiro foi relacionar a etiologia da neurose com o desenvolvimento da sexualidade; e o segundo foi a descoberta da sexualidade infantil (GARCIA, 2001).

Assim, concluímos que o desenvolvimento da sexualidade para Freud, não se resume às etapas do desenvolvimento psicossexual e, não somente na prevalência das zonas erógenas do corpo. O desenvolvimento da sexualidade representa, a partir das relações estabelecidas entre a criança e as pessoas que ocupam a função de materna e paterna, as inscrições no psiquismo; que permitem à criança a compreensão de que, além de um corpo biológico, ela precisa se reconhecer como um ser de importância para o outro (ZORNIG, 2008). No espaço escolar promover debates e atividades que compreendam a sexualidade como inerente ao ser humano. Apontando a necessidade e a possível intervenção pedagógica para a garantia do direito humano de se expressar e de existir em todo e qualquer contexto, principalmente no escolar.

REFERÊNCIAS

COSTA, E. R. & OLIVEIRA, K. E. **A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo**. Rev. Eletrônica do curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG. 2(11) 2011. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/20332/19287. Acesso em: 15 de fevereiro de 2016.

D'Andrea, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da Personalidade**. Ed. Bertrand Brasil, 2001.

Dolto, F. (1996). **No jogo do desejo** (V. Ribeiro, trad., 2a ed.). São Paulo: Ática.

FIGUEIRÓ. Mary Neide Damico. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 2. ed. Londrina: EDUEL, 2001.

FREITAS, D.L; CARVALHO, G.D & FÁVERO, M. **A Educação Sexual começa na infância**: sexualidade de 0 a 6 anos. EducaSex. Ed.1.2015.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** – Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

_____. **O mal-estar na civilização.** – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

_____. **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa** (1896). In: Primeiras publicações psicanalíticas v. III ESB (1893-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Teoria geral das neuroses** (1917). In: Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III 1915-1916) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância**: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias. Tese (Doutorado). – Campinas, SP, 2009.

GAGLIOTTO, G.M.; FAUST, T.; SANTOS, A. B. **O deficiente intelectual e sua sexualidade, um estudo psicanalítico contribuindo para a ação pedagógica**. Congresso internacional interdisciplinar em sociais e humanidades. Niterói RJ: ANINTER - SH/ PPGSD - UFF, 03 a 06 de Setembro de 2012, ISSN 2316 – 266X.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E A PEDAGOGIA DA INFÂNCIA:** matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias. 2009. 245 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância**: Matrizes Institucionais, Disposições Culturais, Potencialidades e Perspectivas Emancipatórias. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. **Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil**. Revista Brasileira de Educação v. 18 n. 52 jan.-mar. 2013. p. 101-239.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na escola**: mito e realidade. – Campinas SP: Mercado das Letras, 1995. (Coleção Dimensões da Sexualidade).

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. Sob direção de Daniel Lagache, tradução de Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NUNES, Cesar Aparecido; SILVA, Edna. **As manifestações da sexualidade da criança**. Campinas, SP: Século XXI, 1997. (Sexualidade e Educação).

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial de Violência e Saúde.** Genebra: OMS, 2002.

SILVA, Edna Aparecida da. **Filosofia, Educação e Educação Sexual:**matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud,Reich e Foucault para a abordagem educacional da Sexualidade Humana.2001. 300 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

ZORNIG, S. M. A. J. (2008). **As teorias sexuais infantis na atualidade**: algumas reflexões. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, nº 1, p. 73-77, jan./mar.

SEXUALITY AND SCHOOL: THE DEVELOPMENT OF CHILD SEXUALITY FROM PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

This article is the result of researches of Master's Degree in Education, of the *stricto senso* postgraduate program, at Unioeste – Francisco Beltrão campus. The purpose of this work is to discuss, theoretically, the history of infantile sexuality in order to rise the contradictions, limitations and possibilities in relation to psychosexual development and how the discussions take shape in the school spaces. We start from a bibliographical review of the studies of FREUD (1996, 1997, 2002) and classical psychoanalytic theory. Based on research in the field of Human Sciences, We seek to overcome the biological view of sexuality and point out the political, economic and cultural dimensions of an emancipatory Sexual Education.

Keywords: Sexuality; Psychoanalysis; psychosexual development; Schooling.